

## SIMPÓSIO AT031

### LITERATURA DE RESISTÊNCIA AMAZÔNICA: SORORIDADE NA CRÔNICA “COMPANHEIRAS”, DE ENEIDA DE MORAES

SOUZA, Agnes Caroline Alves de  
UNAMA - Discente  
agnnes\_souza@hotmail.com

DARWICH, Rosângela Araújo  
UNAMA - Docente  
rosangeladarwich@yahoo.com.br

**Resumo:** Eneida de Moraes, escritora paraense, filiada ao Partido Comunista, durante sua vida exerceu militância política sendo encarcerada diversas vezes. Publicou “Companheiras” em 1957, com base em suas vivências no cárcere. Essa narrativa abre precedentes para análise literária e também registro da perseguição política no Estado Novo. Neste artigo, objetiva-se investigar a vivência de sororidade nessa produção literária. Sororidade, que vem de “soror” (irmã), é um conceito que recentemente foi apropriado pelo movimento feminista e pode ser definido como uma aliança entre mulheres, representando a criação de vínculos que estimulam ações de não rivalidade, contrárias à lógica patriarcal. Caracteriza-se também enquanto movimento de apoio mútuo, uma nova lógica relacional entre mulheres. Foi realizada uma análise textual da crônica, e através de fragmentos do texto, pudemos perceber a evidência de sororidade no apoio entre as vinte e cinco detentas. Sororidade é especialmente traduzida na frase “problemas de uma, problemas de todas”. Mesmo com todas as diferenças, problemas, perturbações causadas pelo cárcere, as mulheres reunidas se preocupavam umas com as outras, compartilhavam histórias e inquietações, liam o não-verbal, antecipavam a necessidade uma das outras. No título do texto, Eneida destaca: Companheiras. Nesse companheirismo não cabe julgamento, somente acolhida. Eneida de Moraes foi mulher e militante política, mas também um exemplo para o movimento feminista, pois em uma época em que a voz da mulher era abafada, em que não havia direitos garantidos, em um contexto de golpe de Estado, fez sua voz e sua postura política ficarem marcadas na história brasileira.

**Palavras-chave:** Eneida de Moraes; Companheiras; Sororidade; Feminismo; Literatura Paraense.

**Abstract:** Eneida de Moraes, a writer from state of Pará/Brazil, affiliated with the Communist Party, during her life exerted political militancy and was imprisoned several times. She published “Companheiras” in 1957, based on her experiences in prison. This narrative opens precedents for literary analysis and also record of political persecution in the Estado Novo. In this article, the objective is to investigate the experience of Sisterhood in this literary production. Sisterhood, which derives from sorority, originally from the latin word “soror” (sister), is a concept that has recently

been appropriated by the feminist movement and can be defined as an alliance between women, representing the creation of bonds that stimulate non-rivalry actions, contrary to the patriarchal logic. It is also characterized as a mutual support movement, a new relational logic among women. A textual analysis of the chronicle was performed, and through fragments of the text, we could perceive the evidence of Sisterhood in the support among the twenty-five inmates. Sisterhood is specially translated in the phrase "problems of one, problems of all". Even with all the differences, problems, disturbances caused by the jail, the assembled women cared for each other, shared stories and concerns, read the non-verbal, anticipated the need for each other. In the title of the text, Eneida highlights: Companheiras. In this sisterhood there is no judgment, only acceptance. Eneida de Moraes was a woman and political activist, but also an example for the feminist movement, for at a time when the woman's voice was muffled, in which there were no guaranteed rights, in a coup, she made her voice and their political stance are marked in Brazilian history.

**Keywords:** Brazilian literature; Sisterhood; Feminism.

## Introdução

Na década de 1930, o Brasil viveu um golpe de Estado e a instituição do Estado Novo. Neste contexto, influenciado pela onda anticomunista na Europa, na conjuntura pré-segunda guerra mundial, o Brasil começa uma verdadeira caça aos membros do Partido Comunista e simpatizantes da causa. Eneida de Moraes, que era filiada ao Partido Comunista do Brasil (PcdoB) e durante sua vida exerceu militância política, tendo sido presa por diversas vezes, escreveu "Companheiras" (MORAES, 1989) baseada em suas vivências no cárcere. Tal crônica já foi analisada outras vezes enquanto texto literário, registro da perseguição política no Estado Novo ou retrato de resistência feminista. Neste artigo, o foco é a vivência de sororidade. Sororidade é um conceito que surge do movimento feminista e pode ser definido como uma aliança entre mulheres (GARCIA; SOUSA, 2015), representando, portanto, uma oposição à sociedade patriarcal por meio do apoio emocional sem julgamentos, proporcionando acolhimento e autonomia. É dar subsídios para que outras mulheres cresçam. Tendo isso em vista, cabe relacionar a situação de vida em cárcere feminino, descrita por Eneida, a posicionamentos que revelam a ocorrência de sororidade, palavra que em seu texto não foi pronunciada, mas vivenciada.

Quanto aos aspectos metodológicos, trabalhamos com a análise textual da crônica de Eneida de Moraes: Companheiras, do livro Aruanda (MORAES,

1989). A análise deu-se por meio de identificação de fragmentos do texto que evidenciam a aplicabilidade do apoio entre mulheres e, portanto, de sororidade.

Enquanto pesquisa de natureza qualitativa, em que “a interpretação assume o foco central” (MINAYO, 2011, p.80) busca-se realizar a análise do conteúdo da crônica. Tendo em vista que a fala não é uma mera transmissão de informação, uma produtora de significantes, a Análise de Discurso (ORLANDI, 2009) permitiu que o olhar para o discurso da autora fosse realizado de forma ampla, em busca de descoberta de sentidos. Em linhas gerais, objetiva-se desvelar o sentido de sororidade na crônica Companheiras (MORAES, 1989) em meio aos relatos de vivências de Eneida de Moraes.

## 1. Simplesmente Eneida

Eneida Costa de Moraes nasceu em Belém, capital do estado do Pará, em XXX (acrescente o ano). Tendo estudado no Rio de Janeiro e Belém, formou-se em Odontologia pela Universidade Federal do Pará na década de 1920 e, portanto, recebeu uma educação considerada privilegiada. Em 1929, Eneida, lança seu primeiro livro de poemas, Terra Verde. No ano de 1932 passa a exercer atividade política ligada ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e neste mesmo ano, residindo na cidade de São Paulo, é presa pela primeira vez, passando quatro meses em cárcere. Em 1935, no Rio de Janeiro, passa a participar da União Feminina do Brasil, que tinha como objetivo a ampliação dos direitos das mulheres, defendendo mudanças na legislação brasileira, militando por direitos como licença maternidade, guarda dos filhos após divórcio e igualdade salarial entre gêneros (FGV, 2009).

Eneida sempre adotou uma postura de ativista em prol das mulheres. Numa realidade em que, considerando muitos direitos que atualmente são tão simples, garantidos pela constituição brasileira, mulheres não tinham voz, sendo silenciadas e subjugadas, a autora representa essa alvorada de resistência política feminina no Brasil. Durante o período de 1937 a 1945 o Brasil vive o Estado Novo. Nesse período, Eneida ficou encarcerada algumas

vezes, conhecendo pessoas que posteriormente viriam a habitar em seus escritos (FGV, 2009).

No ano de 1957, Eneida de Moraes publica seu livro de crônicas: *Aruanda* (MORAES, 1989). Nele vamos encontrar nosso objeto de análise, *Companheiras*, que se baseia em uma de suas vivências na prisão. Para a análise, decidiu-se por investigar o conceito de sororidade nas vivências das personagens na crônica.

Na década de 1930, quando Eneida viveu no cárcere, o Movimento Feminista já existia, começando seus passos na Europa e Estados Unidos. No Brasil, a autora participa da União Feminina do Brasil que sofre a influência de ideais defendidos pelo Movimento, porém tidas como subversivas pelo Governo da Época (FGV, 2009). Militar pelos direitos da mulher torna-se uma tarefa árdua e perigosa, um risco que Eneida correu. Percebe-se então que sua essência sempre foi de olhar para o sofrimento da Outra, cuidar, lutar, sofrendo as consequências dessa escolha.

Se atualmente podemos perceber que o corpo feminino sofre constantes interdições de um modelo ainda patriarcal, há 80 anos esse estratagema se constituía de maneira mais severa. Os direitos das mulheres eram mais precários, quase completamente invisibilizados, fortalecendo o contexto em que as lutas feministas progrediram e o conceito de sororidade encontra um sentido profundo, posto que:

Sororidade significa a irmandade entre mulheres. Onde há duas mulheres unidas, priorizando uma à outra em relação aos homens, se apoiando mutuamente, há Sororidade. Na Sororidade a prioridade somos nós, mulheres. O objetivo fundamental é tirarmos umas às outras das margens e nos centralizarmos (ALVES, 2014, p. 55).

Na medida em que sororidade é elemento antagônico para a rivalidade feminina incentivada pelo patriarcado, a ideia de mulheres unidas é bastante subversiva para a época. Mesmo sem utilizar o termo, a crônica de Eneida fala sobre a vivência de seus significados, sua crônica é sobre mulheres que se apoiam, portanto, retratando a essência do que se busca na sororidade.

Promover a autonomia feminina: o em-poder-amento – ao tratar detomada do poder, no caso, pelas mulheres, a sororidade também pode atuar nesse empoderamento.

A sororidade, pela definição, é uma experiência subjetiva pela qual as mulheres devem passar com a finalidade de eliminarem todas as formas de opressão entre elas. É, além disso, conscientizar as mulheres sobre a misoginia. É um “esforço pessoal e coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres”. É, por fim, empoderar a mulher. Pela definição, as relações entre as mulheres são colocadas em evidência (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1003)

Podemos observar, de acordo com as autoras citadas, que sororidade é um enfrentamento a uma das formas que o patriarcado possui de subjugar as mulheres. Por meio da união é possível cuidar para que a Outra não seja oprimida, para que haja empatia e apoio. Quando se fala de empoderamento de mulheres, se fala em poder e apoio, na capacidade de mulheres resistirem juntas às violências cotidianas tão normatizadas em nossa sociedade.

## 2. Companheiras

Na experiência de leitura de *Companheiras*, Eneida de Moraes leva o leitor para dentro do pavilhão onde a crônica se passou. Um apelo é feito aos aspectos sensoriais por meio da narrativa de frio e calor, fome, cheiros e sentimentos presentes no texto, cheio de significados. Também são descritas diferenças e semelhanças entre as mulheres encarceradas quanto a tipos físicos, aspectos sociais, ocupações, personalidades. É destacado, sobretudo, que naquele momento eram todas iguais, cada qual carregando sua dor. “Problemas de uma, problemas de todas”, diz Eneida. Essa frase é uma tradução do que entende-se por sororidade nos dias de hoje, pois mesmo com todas as diferenças, problemas, perturbações causadas pelo cárcere, as mulheres se preocupavam umas com as outras, ouviam as histórias contadas e as inquietações compartilhadas. Houve um exercício do título do texto: companheirismo. Nesse companheirismo não coube julgamento, somente a acolhida em circunstâncias de dor e desesperança.



O relato é trazido por Eneida, e então temos a perspectiva da autora, existindo a possibilidade de que alguma das mulheres não se sentisse da mesma forma que as outras. A acolhida grupal, no entanto, é inegável. A vivência relatada por Eneida aconteceu na década de 1930 e verifica-se, assim, que antes de se debater feminismo da forma como se debate hoje já tínhamos acontecimentos que favoreciam repensar o lugar da mulher na sociedade.

Eneida de Moraes foi mulher e militante política, mas também um exemplo para o movimento feminista, pois, em uma época em que a voz da mulher era abafada, em que não havia direitos garantidos, em um contexto de golpe de Estado, ela fez com que seus pensamentos e sua postura política ficassem na história brasileira. Sua visão ultrapassa seu tempo, se formos pensar que hoje se debate muito mais o feminismo, sendo extremamente vanguardista.

Vale destacar, na crônica, após a apresentação das colegas de cárcere, o relato de uma situação específica: a chegada de uma nova companheira. A moça adentrou a cela sob olhares curiosos, ao mesmo tempo em que é perceptível a empatia nos questionamentos que a própria autora faz no texto quanto ao que ela estaria se perguntando, quais sofrimentos haveria passado e em quais lugares haveria andado. Ao tentarem se comunicar com a recém-chegada, as mulheres que a receberam dizem:

(...) não sabemos quem é você. Mas nós somos antifascistas, nós somos presas políticas. Cada uma de nós tem sua estória; esta veio presa do Norte, aquela está aqui como refém porque o marido sumiu. Somos todas brasileiras. (MORAES, 1989, p. 135).

Esse fragmento pode ser visto como um ato de convite, como se dissessem: somos iguais. Uma delas se identifica como comunista, o que desperta a resposta da mulher: camarada. Nesse momento, de identificação, sob o olhar de Eneida, a mulher se desarma, conversa e conta seus acontecidos e jornada. Então alguém se preocupa em alimentá-la, cuidar de alguma forma. Todas se mobilizam novamente: “problema de uma, problema

de todas” (MORAES, 1989, p. 135). Naquele momento, eram uma só, este aspecto que nos permite associar o conceito de Sororidade à obra de Eneida, pois podemos perceber que as rivalidades femininas foram colocadas de lado, em um contexto tão fragilizado poderia ter acontecido de forma diferente, porém elas quebraram com a lógica implícita, colocando-se em um lugar de companheirismo.

A moça, que mais tarde a autora descobre ser Elisa Soborovsk, passou poucos momentos naquele pavilhão, porém marcou as vinte e cinco companheiras de cela. Eneida relata que ela foi entregue a Hitler no governo Vargas, tendo sido morta durante a segunda guerra em um campo de concentração. “Sabo, para mim, foi uma revelação; jamais conheci mulher tão culta, tão humana, tão valente. Uma mulher tão bela. Nunca a esquecerei” (MORAES, 1989, p.137). Nesse fragmento, podemos ver como a autora se sente afetada em constatar os adjetivos da amiga:

“Na noite em que ela partiu com Olga Benário para o navio que as levaria a Hitler, era inverno e tiritávamos de frio. Sofríamos ainda mais, porque tínhamos aprendido a amá-la. Recordando-a agora, cumpro um dever. Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos Primários. Grandes mulheres; boas companheiras” (MORAES, 1989, p.138).

Na cela, a emoção pela perda da amiga fez com que as mulheres mantivessem o pensamento nela. Essa aliança entre mulheres foi perceptível no texto. Não existe um contrato palpável: sororidade se vive. Elas viveram, dentro daquele pavilhão, o companheirismo, o amor, a parceria, o medo; viveram tudo juntas, como uma só. A autora destaca a importância de manter-se forte; talvez a sororidade as tenha ajudado a não perder de vista suas forças.

### 3. Considerações Finais

Não há dúvidas que naquela cela, naquele aprisionamento, vinte e cinco mulheres viveram na pele o conceito de sororidade em sua definição simples e completa. Se formos pensar historicamente, as mulheres têm sido influenciadas a rivalizar umas com as outras, a levar suas dores acima da dos

outros, e se desconstruir. O contexto vivido por Eneida não permitia máscaras ou teatros. Era um cenário de profunda vulnerabilidade, em que vinte e cinco mulheres foram desnudas em suas almas, seus desejos, sua vida. Elas não sabiam se iam acordar na manhã seguinte, se sobreviveriam à próxima tortura, viviam sob o domínio do medo - medo por si, por suas famílias, medo umas pelas outras.

A sororidade corresponde a uma forma por meio da qual mulheres podem ver o mundo, mulheres podem ver outras mulheres e certamente... podem viver através de outras. A luta de Elisa viveu em Eneida e Eneida será eterna através de seus leitores, vivendo através deles. O conceito de sororidade fala sobre capacidade de empatia, sobre apoio. A autora dá um exemplo prático dessa vivência, dessa palavra que hoje o movimento feminista conseguiu ressignificar numa luta por direitos e resistência.

## Referências

ALVES, Simone Silva. **Saberes das Mulheres Veteranas na Economia Solidária: Sororidade a outra educação!** Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, pgs.174. 2014.

FGV. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) – Eneida Costa de Moraes.** Fundação Getúlio Vargas, 2009. Acesso em: 10 de julho de 2018. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eneida-costa-de-morais>

GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. **A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância.** Revista de Estudos Linguísticos. São Paulo, v. 44, n. 3, p. 991-1008, 2015.

MINAYO, M. C. de S.; **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2011. 30<sup>o</sup> Ed.

MORAES, Eneida de. **Aruanda; Banho de Cheiro.** 2<sup>a</sup> Ed. Belém: SECULT; FCPTN, 1989. 306 p.

ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos.** Campinas: Pontes, 2009. 8<sup>o</sup> Ed.